



CESÁRIO VERDE

O LIVRO DE
CESÁRIO
VERDE

POEMAS

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

CESÁRIO VERDE

POESIA

Esta obra respeita as regras do

novo acordo ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



A Jorge Verde

Aqui deponho em suas mãos e debaixo dos seus lábios o livro de seu irmão. A minha «obra» terminou no dia em que ele saiu da nossa doce amizade para a nossa terrível amargura: morri, meu querido Jorge – deixe-me chamar assim ao irmão do meu querido Cesário; – morri para as alegrias do trabalho, para as esperanças nos enganos doces! O desmoronamento fez-se, a um tempo, no espírito e no coração! Dos restos do passado deixe-me oferecer-lhe a dedicação extremada; peça-me o sacrifício; e, quando no decorrer da vida, se lembrar de nós, tenha este pensamento consolador: – A grande alma de meu irmão soube impor-se a um coração endurecido; e tenha estoutro pensamento: – Mas não estava de todo endurecido o coração que soube amá-la.

Adeus, meu querido Jorge!

S. P.

I PARTE

CRISE ROMANESCA

DESLUMBRAMENTOS

Milady, é perigoso contemplá-la,

Quando passa aromática e normal,

Com seu tipo tão nobre e tão de sala,

Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que nisso a desgoste ou desenfade,

Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,

Eu vejo-a, com real solenidade,

Ir impondo toilettes complicadas!...

Em si tudo me atrai como um tesoiro:

O seu ar pensativo e senhoril,

A sua voz que tem um timbre de oiro

E o seu nevado e lúcido perfil!

Ah! Como me estonteia e me fascina...

E é, na graça distinta do seu porte,

Como a Moda supérflua e feminina,

E tão alta e serena como a Morte!...

Eu ontem encontrei-a, quando vinha,

Britânica, e fazendo-me assombrar;

Grande dama fatal, sempre sozinha,

E com firmeza e música no andar!

O seu olhar possuí, num jogo ardente,

Um arcanjo e um demónio a iluminá-lo;

Como um florete, fere agudamente,

E afaga como o pêlo de um regalo!

Pois bem. Conserve o gelo por esposo,

E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,

O modo diplomático e orgulhoso

Que Ana de Áustria mostrava aos cortesãos.

E enfim prossiga altiva como a Fama,

Sem sorrisos, dramática, cortante;

Que eu procuro fundir na minha chama

Seu ermo coração, como um brilhante.

Mas cuidado, milady, não se afoite,

Que hão de acabar os bárbaros reais;

E os povos humilhados, pela noite,

Para a vingança aguçam os punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,

Sob o cetim do Azul e as andorinhas,

Eu hei de ver errar, alucinadas,

E arrastando farrapos – as rainhas.

SETENTRIONAL

Talvez já te esquecesses, ó bonina,

Que viveste no campo só comigo,

Que te osculei a boca purpurina,

E que fui o teu sol e o teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel,

Mulher como não há nem na Circássia,

Que bebemos, nós dois, do mesmo fel,

E regámos com prantos uma acácia.

Talvez já te não lembres com desgosto

Daquelas brancas noites de mistério,

Em que a Lua sorria no teu rosto

E nas lajes campais do cemitério.

Quando, à brisa outoniça, como um manto,

Os teus cabelos de âmbar, desmanchados,

Se prendiam nas folhas dum acanto,

Ou nos bicos agrestes dos silvados,

E eu ia desprendê-los, como um pajem

Que a cauda solevasse aos teus vestidos,

E ouvia murmurar à doce aragem

Uns delírios de amor, entristecidos;

Quando eu via, invejoso, mas sem queixas,

Pousarem borboletas doudejantes

Nas tuas formosíssimas madeixas,

Daquela cor das messes loure jantes,

E no pomar, nós dois, ombro com ombro,

Caminhávamos sós e de mãos dadas,

Beijando os nossos rostos sem assombro,

E colorindo as faces desbotadas;

Quando ao nascer da aurora, unidos ambos

Num amor grande como um mar sem praias,

Ouvíamos os meigos ditirambos,

Que os rouxinóis teciam nas olaias,

E, afastados da aldeia e dos casais,

Eu contigo, abraçado como as heras,

Escondidos nas ondas dos trigais,

Devolvia-te os beijos que me deras;

Quando, se havia lama no caminho,

Eu te levava ao colo sobre a greda,

E o teu corpo nevado como arminho

Pesava menos que um papel de seda...

E foste sepultar-te, ó serafim,
No claustro das Fiéis emparedadas,
Escondeste o teu rosto de marfim
No véu negro das freiras resignadas.

E eu passo, tão calado como a Morte,
Nesta velha cidade tão sombria,
Chorando aflitamente a minha sorte
E prelibando o cálix da agonia.

E, tristíssima Helena, com verdade,
Se pudera na terra achar suplícios,
Eu também me faria gordo frade
E cobriria a carne de cilícios.

MERIDIONAL

CABELOS

Ó vagas de cabelo esparsas longamente,
Que sois o vasto espelho onde eu me vou mirar,
E tendes o cristal dum lago refulgente
E a rude escuridão dum largo e negro mar;

Cabelos torrenciais daquela que me enleva,
Deixai-me mergulhar as mãos e os braços nus
No bátrio febril da vossa grande treva,
Que tem cintilações e meigos céus de luz.

Deixai-me navegar, morosamente, a remos,
Quando ele estiver brando e livre de tufões,
E, ao plácido luar, ó vagas, marulhemos

E enchamos de harmonia as amplas solidões.

Deixai-me naufragar no cimo dos cachopos

Ocultos nesse abismo ebânico e tão bom

Como um licor renano a fermentar nos copos,

Abismo que se espraia em rendas de Alençon!

E ó mágica mulher, ó minha Inigualável,

Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,

E os pisas desdenhosa, altiva, imperturbável,

Entre o rumor banal dos hinos triunfais;

Consente que eu aspire esse perfume raro,

Que exalas da cabeça erguida com fulgor,

Perfume que estonteia um milionário avaro

E faz morrer de febre um louco sonhador.

Eu sei que tu possuís balsâmicos desejos,
E vais na direção constante do querer,
Mas ouço, ao ver-te andar, melódicos harpejos,
Que fazem mansamente amar e enlanguescer.

E a tua cabeleira, errante pelas costas,
Suponho que te serve, em noites de Verão,
De flácido espaldar aonde te recostas
Se sentes o abandono e a morna prostração.

E ela há de, ela há de, um dia, em turbilhões insanos
Nos rolos envolver-me e armar-me do vigor
Que antigamente deu, nos circos dos romanos,
Um óleo para ungir o corpo ao gladiador.

.....

.....

Ó mantos de veludo esplêndido e sombrio,

Na vossa vastidão posso talvez morrer!

Mas vinde-me aquecer, que eu tenho muito frio

E quero asfixiar-me em ondas de prazer.

IRONIAS DO DESGOSTO

«Onde é que te nasceu» – dizia-me ela às vezes –

«O horror calado e triste às coisas sepulcrais?

«Porque é que não possúis a verve dos Franceses

«E aspiras, em silêncio, os frascos dos meus sais?

«Porque é que tens no olhar, moroso e persistente,

«As sombras dum jazigo e as fundas abstrações,

«E abrigas tanto fel no peito, que não sente

«O abalo feminino das minhas expansões?

«Há quem te julgue um velho. O teu sorriso é falso;

«Mas quando tentas rir parece então, meu bem,

«Que estão edificando um negro cadafalso

«E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém!

«Eu vim – não sabes tu? – para gozar em Maio,

«No campo, a quietação banhada de prazer!

«Não vês, ó descorado, as vestes com que saio,

«E os júbilos que Abril acaba de trazer?

«Não vês como a campina é toda embalsamada

«E como nos alegra em cada nova flor?

«Então porque é que tens na fronte consternada

«Um não sei quê tocante e enternecedor?

E eu só lhe respondia: – «Escuta-me. Conforme

«Tu vibras os cristais da boca musical,

«Vai-nos minando o tempo, o tempo – o cancro enorme

«Que te há de corromper o corpo de vestal.

«E eu calmamente sei, na dor que me amortalha,

«Que a tua cabecinha ornada à Rabagas,

«A pouco e pouco há de ir tornando-se grisalha

«E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

«E eu que daria um rei por cada teu suspiro,

«Eu que amo a mocidade e as modas fúteis, vãs,

«Eu morro de pesar, talvez, porque prefiro

«O teu cabelo escuro às veneráveis cãs!»

HUMILHAÇÕES

De todo o coração – a Silva Pinto

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,

Aceito os seus desdéns, seu ódios idolatro-os;

E espero-a nos salões dos principais teatros,

Todas as noites, ignorado e só.

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;

As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,

E enquanto vão passando as cortesãs e os brilhos,

Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,

Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,

Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra

Saltou soberba o estribo do coupé.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.

Roçavam no veludo as guarnições das rendas;

E, muito embora tu, burguês, me não entendas,

Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!

Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a ideia

De vê-la aproximar, sentado na plateia,

De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;

Cada contratador dizia em voz rouquenha:

– Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?

E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!

As outras ao pé dela imitam de bonecas;

Têm menos melodia as harpas e as rabecas,

Nos grandes espetáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;

Via-a subir, direita, a larga escadaria

E entrar no camarote. Antes estimaria

Que o chão se abrisse para me abater.

Saí; mas ao sair senti-me atropelar.

Era um municipal sobre um cavalo. A guarda

Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,

Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,

Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,

E disse-me, piscando os olhos de coruja:

– Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...

RESPONSO

I

Num castelo deserto e solitário,
Toda de preto, às horas silenciosas,
Envolve-se nas pregas dum sudário
E chora como as grandes criminosas.

Pudesse eu ser o lenço de Bruxelas
Em que ela esconde as lágrimas singelas.

II

É loura como as doces escocesas,
Duma beleza ideal, quase indecisa;
Circunda-se de luto e de tristezas
E excede a melancólica Artemisa.

Fosse eu os seus vestidos afogados

E havia de escutar-lhe os seus pecados.

III

Alta noite, os planetas argentados

Deslizam um olhar macio e vago

Nos seus olhos de pranto marejados

E nas águas mansíssimas do lago.

Pudesse eu ser a Lua, a Lua terna,

E faria que a noite fosse eterna.

IV

E os abutres e os corvos fazem giros

De roda das ameias e dos pegos,

E nas salas ressoam uns suspiros

Dolentes como as súplicas dos cegos.

Fosse eu aquelas aves de pilhagem

E cercara-lhe a fronte, em homenagem.

V

E ela vaga nas praias rumorosas,

Triste como as rainhas destronadas,

A contemplar as gôndolas airoosas,

Que passam, a giorno iluminadas.

Pudesse eu ser o rude gondoleiro

E ali é que fizera o meu cruzeiro.

VI

De dia, entre os veludos e entre as sedas,

Murmurando palavras aflitivas,

Vagueia nas umbrosas alamedas

E acarinha, de leve, as sensitivas.

Fosse eu aquelas árvores frondosas,

E prendera-lhe as roupas vaporosas.

VII

Ou domina, a rezar, no pavimento

Da capela onde outrora se ouviu missa,

A música dulcíssima do vento

E o sussurro do mar, que se espreguiça.

Pudesse eu ser o mar e os meus desejos

Eram ir borrifar-lhe os pés, com beijos.

VIII

E às horas do crepúsculo saudosas,

Nos parques com tapetes cultivados,

Quando ela passa curvam-se amorosas

As estátuas dos seus antepassados.

Fosse eu também granito e a minha vida

Era vê-la a chorar arrependida.

IX

No palácio isolado como um monge,

Erram as velhas almas dos precitos,

E nas noites de Inverno ouvem-se ao longe

Os lamentos dos náufragos aflitos.

Pudesse eu ter também uma procela

E as lentas agonias ao pé dela.

X

E às lajes, no silêncio dos mosteiros,

Ela conta o seu drama negregado,
E o vasto carmesim dos reposteiros
Ondula como um mar ensanguentado.

Fossem aquelas mil tapeçarias
Nossas mortalhas quentes e sombrias.

XI

E assim passa, chorando, as noites belas,
Sonhando uns tristes sonhos doloridos,
E a refletir nas góticas janelas
As estrelas dos céus desconhecidos.

Pudesse eu ir sonhar também contigo
E ter as mesmas pedras no jazigo.

XII

Mergulha-se em angústias lacrimosas

Nos ermos dum castelo abandonado,

E as próximas florestas tenebrosas

Repercutem um choro amargurado.

Uníssemos, nós dois, as nossas covas,

O doce castelã das minhas trovas!

II PARTE
NATURAIS

CONTRARIEDADES

A Coelho de Carvalho

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;

Nem posso tolerar os livros mais bizarros.

Incrível! Já fumei três maços de cigarros

Consecutivamente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:

Tanta depravação nos usos, nos costumes!

Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes

E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora

Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;

Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes

E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!

Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.

Lidando sempre! E deve a conta à botica!

Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, torna-nos perversos;

Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,

Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,

Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta

No fundo da gaveta. O que produz o estudo?

Mais duma redação, das que elogiam tudo,

Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine

Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa

Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa

Vale um desdém solene.

Com raras exceções merece-me o epigrama.

Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,

Um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho

Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,

Mas sim, por deferência a amigos ou a artistas.

Independente! Só por isso os jornalistas

Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,

Se forem publicar tais cousas, tais autores. Arte?

Não lhes convém, visto que os seus leitores

Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,

Obtém dinheiro, arranja a sua coterie;

E a mim, não há questão que mais me contrarie

Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;

Eu raramente falo aos nossos literatos,

E apuro-me em lançar originais e exatos,

Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!

Ignora que a asfixia a combustão das brasas,

Não foge do estendal que lhe humedece as casas,

E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova.

Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,

Oiço-a cantarolar uma canção plangente

Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.

Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,

Consegurei reler essas antigas rimas,

Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;

Emprega-se a ré clame, a intriga, o anúncio, a blague,

E esta poesia pede um editor que pague

Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?

A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?

Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. E feia

Que mundo! Coitadinha!

A DÉBIL

Eu, que sou feio, sólido, leal,

A ti, que és bela, frágil, assustada,

Quero estimar-te, sempre, recatada

Numa existência honesta, de cristal.

Sentado à mesa dum café devasso,

Ao avistar-te, há pouco, fraca e loura,

Nesta Babel tão velha e corruptora,

Tive tentações de oferecer-te o braço.

E, quando socorreste um miserável,

Eu, que bebia cálices de absinto,

Mandei ir a garrafa, porque sinto

Que me tornas prestante, bom, saudável.

"Ela aí vem!" disse eu para os demais;

E pus-me a olhar, vexado e suspirando,

O teu corpo que pulsa, alegre e brando,

Na frescura dos linhos matinais.

Via-te pela porta envidraçada;

E invejava, – talvez que o não suspeites! –

Esse vestido simples, sem enfeites,

Nessa cintura tenra, imaculada.

Ia passando, a quatro, o patriarca,

Triste eu saí. Doía-me a cabeça.

Uma turba ruidosa, negra, espessa,

Voltava das exéquias dum monarca.

Adorável! Tu, muito natural,

Seguias a pensar no teu bordado;

Avultava, num largo arborizado,

Uma estátua de rei num pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares;

E ao claro sol, guardava-te, no entanto,

A tua boa mãe, que te ama tanto,

Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito

A limpidez do teu semblante grego;

E uma família, um ninho de sossego,

Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegância e sem ostentação,

Atravessavas branca, esbelta e fina,

Uma chusma de padres de batina,

E de altos funcionários da nação.

"Mas se a atropela o povo turbulento!

Se fosse, por acaso, ali pisada!"

De repente, paraste embaraçada

Ao pé dum numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes fáceis esbocetos,

Julguei ver, com a vista de poeta,

Uma pombinha tímida e quieta

Num bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu, homem varonil,

Quis dedicar-te a minha pobre vida,

A ti, que és ténue, dócil, recolhida,

Eu, que sou hábil, prático, viril.

NUM BAIRRO MODERNO

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes

Matizam uma casa apalaçada;

Pelos jardins estancam-se as nascentes,

E fere a vista, com brancuras quentes,

A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,

Abriram-se, nalguns, as persianas,

E dum ou doutro, em quartos estucados,

Ou entre a rama dos papéis pintados,

Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,

E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esgadelhada, feia,
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:

«Se te convém, despacha; não converses.

Eu não dou mais.» E muito descansado,

Atira um cobre ignóbil, oxidado,

Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente, – que visão de artista! –

Se eu transformasse os simples vegetais,

À luz do sol, o intenso colorista,

Num ser humano que se mova e exista

Cheio de belas proporções carnis?!

Boiam aromas, fumos de cozinha;

Com o cabaz às costas, e vergando,

Sobem padeiros, claros de farinha;

E às portas, uma ou outra campainha

Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,

Um novo corpo orgânico, aos bocados.

Achava os tons e as formas. Descobria

Uma cabeça numa melancia,

E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,

Negras e unidas, entre verdes folhos,

São tranças dum cabelo que se ajeite;

E os nabos – ossos nus, da cor do leite,

E os cachos de uvas – os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante

Nas posições de certos frutos. E entre

As hortaliças, túmido, fragrante,

Como de alguém que tudo aquilo jante,

Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,

Vi nos legumes carnes tentadoras,

Sangue na ginja vívida, escarlate,

Bons corações pulsando no tomate

E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O sol dourava o céu. E a regateira,

Como vendera a sua fresca alface

E dera o ramo de hortelã que cheira,

Voltando-se, gritou-me, prazenteira:

«Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...»

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;

E, pelas duas asas a quebrar,

Nós levantámos todo aquele peso

Que ao chão de pedra resistia preso,

Com um enorme esforço muscular.

«Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!»

E recebi, naquela despedida,

As forças, a alegria, a plenitude,

Que brotam dum excesso de virtude

Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,

E ao longe rodam umas carruagens,

A pobre afasta-se, ao calor de agosto,

Descolorida nas maçãs do rosto,

E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira

Duma janela azul; e, com o ralo

Do regador, parece que joeira
Ou que borriфа estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
Oiço um canário – que infantil chilrada! –
Lidam ménages entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,

Sem tronco, mas atléticas, inteiras,

Carregam sobre a pobre caminhante,

Sobre a verdura rústica, abundante,

Duas frugais abóboras carneiras.

Lisboa, Verão de 1877.

Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1877.

CRISTALIZAÇÕES

A Bettencourt Rodrigues, meu amigo

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,

Vibra uma imensa claridade crua.

De cócaras, em linha, os calceteiros,

Com lentidão, terrosos e grosseiros,

Calçam de lado a lado a longa rua.

Como as elevações secaram do relento,

E o descoberto sol abafa e cria!

A frialdade exige o movimento;

E as poças de água, como um chão vidrento,

Refletem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,

Disseminadas, gritam as peixeiras;

Luzem, aquecem na manhã bonita,

Uns barracões de gente pobrezita,

E uns quintalórios velhos, com parreiras.

Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!

Tomam por outra parte os viandantes;

E o ferro e a pedra – que união sonora! –

Retinem alto pelo espaço fora,

Com choques rijos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,

Cuja coluna nunca se endireita,

Partem penedos. Voam-lhe estilhaços.

Pesam enormemente os grossos maços,

Com que outros batem a calçada feita.

A sua barba agreste! A lã dos seus barretes!

Que espessos forros! Numa das regueiras

Acamam-se as japonas, os coletes;

E eles descalçam com os picaretas,

Que ferem lume sobre pederneiras.

E nesse rude mês, que não consente as flores,

Fundeiam, como esquadra em fria paz,

As árvores despidas. Sóbrias cores!

Mastros, enxárcias, vergas! Valadores

Atiram terra com as largas pás.

Eu julgo-me no Norte, ao frio – o grande agente! –

Carros de mão, que cham carregados,

Conduzem saibro, vagorosamente;

Vê-se a cidade, mercantil, contente:

Madeiras, águas, multidões, telhados!

Negrejam os quintais; enxuga a alvenaria;

Em arco, sem as nuvens flutuantes,

o céu renova a tinta corredia;

E os charcos brilham tanto que eu diria

Ter ante mim lagoas de brilhantes!

E engellem muito embora, os fracos, os tolhidos,

Eu tudo encontro alegremente exato.

Lavo, refresco, limpo os meus sentidos,

E tangem-me, excitados, sacudidos,

O tato, a vista, o ouvido, o gosto, o olfato!

Pede-me o corpo inteiro esforços na friagem

De tão lavada e igual temperatura!

Os ares, o caminho, a luz reagem;

Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;

Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.

Mal encarado e negro, um pára enquanto eu passo;

Dois assobiam, altas as marretas

Possantes, grossas, temperadas de aço;

E um gordo, o mestre, com ar ralasso

E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!

Que vida tão custosa! Que diabo!

E os cavadores descansam as enxadas,

E cospem nas calosas mãos gretadas,

Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas

Uma bandeira penso que transluz!

Com ela sofres, bebes, agonizas:

Listrões de vinho lançam-lhe divisas,

E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

De escuro, bruscamente, ao cimo da barroca,

Surge um perfil direito que se aguça;

E ar matinal de quem saiu da toca,

Uma figura fina desemboca,

Toda abafada num casaco à russa.

Donde ela vem! A atriz que eu tanto cumprimento;

E a quem, à noite, na plateia, atraio

Os olhos lisos como polimento!

Com seu rostinho estreito, friorento,

Caminha agora para o seu ensaio

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados

Como lajões. Os bons trabalhadores!

Os filhos das lezírias, dos montados:

Os das planícies, altos, aprumados;

Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,

Furtiva a tiritar em suas peles,

Espanta-me a actrizita que hoje pinto,

Neste dezembro enérgico, sucinto,

E nestes sítios suburbanos, reles!

Como animais comuns, que uma picada es quente,

Eles, bovinos, másculos, ossudos,

Encaram-na sanguínea, bruta mente;

E ela vacila, hesita, impaciente

Sobre as botinas de tacões agudos.

Porém, desempenhando o seu papel na peça,

Sem que inda o público a passagem abra,

O demonico arrisca-se, atravessa

Covas, entulhos, lamaçais, depressa,

Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

Lisboa, Inverno de 1878.

Revista de Coimbra, nº 1, Maio de 1879; republicada em Correspondência de

Coimbra, 17 de Junho de 1879.

NOITES GÉLIDAS

MERINA

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de Inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;
Sob os abafos bons que o Norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

SARDENTA

Tu, nesse corpo completo,

Ó láctea virgem doirada,

Tens o linfático aspeto

Duma camélia melada.

FLORES VELHAS

Fui ontem visitar o jardimzinho agreste,
Aonde tanta vez a Lua nos beijou,
E em tudo vi sorrir o amor que tu me deste,
Soberba como um sol, serena como um voo.

Em tudo cintilava o límpido poema
Com ósculos rimado às luzes dos planetas;
A abelha inda zumbia em torno da alfazema;
E ondulava o matiz das leves borboletas.

Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,
A imagem que inspirava os castos madrigais;
E as virações, o rio, os astros, a paisagem,
Traziam-me à memória idílios imortais.

Diziam-me que tu, no flórido passado,

Detinhas sobre mim, ao pé daquelas rosas,

Aquele teu olhar moroso e delicado,

Que fala de langor e de emoções mimosas;

E, ó pálida Clarisse, ó alma ardente e pura,

Que não me desgostou nem uma vez sequer,

Eu não sabia haurir do cálix da ventura

O néctar que nos vem dos mimos da mulher.

Falou-me tudo, tudo, em tons comovedores,

Do nosso amor, que uniu as almas de dois entes;

As falas quase irmãs do vento com as flores

E a mole exalação das várzeas rescendentes.

Inda pensei ouvir aquelas coisas mansas

No ninho de afeições criado para ti,

Por entre o riso claro, e as vozes das crianças,

E as nuvens que esbocei, e os sonhos que nutri.

Lembrei-me muito, muito, ó símbolo das santas,

Do tempo em que eu soltava as notas inspiradas,

E sob aquele céu e sobre aquelas plantas

Bebemos o elixir das tardes perfumadas.

E nosso bom romance escrito num desterro,

Com beijos sem ruído, em noites sem luar,

Fizeram-mo reler, mais tristes que um enterro,

Os goivos, a baunilha e as rosas de tocar.

Mas tu agora nunca, ah! nunca mais te sentas

Nos bancos de tijolo em musgo atapetados,

E eu não te beijarei, às horas sonolentas,

Os dedos de marfim, polidos e delgados...

Eu, por não ter sabido amar os movimentos
Da estrofe mais ideal das harmonias mudas,
Eu sinto as decepções e os grandes desalentos
E tenho um riso mau como o sorrir de Judas.

E tudo enfim passou, passou como uma pena
Que o mar leva no dorso exposto aos vendavais,
E aquela doce vida, aquela vida amena,
Ah! nunca mais virá, meu lírio, nunca mais!

Ó minha boa amiga, ó minha meiga amante!
Quando ontem eu pisei, bem magro e bem curvado,
A areia em que rangia a saia roçagante,
Que foi na minha vida o céu aurirrosado,
Eu tinha tão impresso o cunho da saudade,

Que as ondas que formei das suas ilusões

Fizeram-me enganar na minha soledade

E as asas ir abrindo às minhas impressões.

Soltei com devoção lembranças inda escravas,

No espaço construí fantásticos castelos,

No tanque debrucei-me em que te debruçavas,

E onde o luar parava os raios amarelos.

Cuidei até sentir, mais doce que uma prece,

Suster a minha fé, num véu consolador,

O teu divino olhar que as pedras amolece,

E há muito me prendeu nos cárceres do amor.

Os teus pequenos pés, aqueles pés suaves,

Julguei-os esconder por entre as minhas mãos,

E imaginei ouvir ao conversar das aves,

As célicas canções dos anjos teus irmãos.

E como na minha alma a luz era uma aurora,

A aragem ao passar parece que me trouxe

O som da tua voz, metálica, sonora,

E o teu perfume forte, o teu perfume doce.

Agonizava o Sol gostosa e lentamente,

Um sino que tangia, austero e com vagar,

Vestia de tristeza esta paixão veemente,

Esta doença, enfim, que a morte há de curar.

E quando me envolveu a noite, noite fria,

Eu trouxe do jardim duas saudades roxas,

E vim a meditar em quem me cerraria,

Depois de eu me morrer, as pálpebras já frouxas.

Pois que, minha adorada, eu peço que não creias

Que eu amo esta existência e não lhe queira um fim;

Há tempos que não sinto o sangue pelas veias

E a campa talvez seja afável para mim.

Portanto, eu, que não cedo às atrações do gozo,

Sem custo hei de deixar as mágoas deste mundo,

E, ó pálida mulher, de longo olhar piedoso,

Em breve te olharei calado e moribundo.

Mas quero só fugir das coisas e dos seres,

Só quero abandonar a vida triste e má

Na véspera do dia em que também morreres,

Morreres de pesar, por eu não viver já!

E não virás, chorosa, aos rústicos tapetes,

Com lágrimas regar as plantações ruins;

E esperarão por ti, naqueles alegretes,

As dalias a chorar nos braços dos jasmíns!

NOITE FECHADA

Lembras-te tu do sábado passado,

Do passeio que demos, devagar,

Entre um saudoso gás amarelado

E as carícias leitosas do luar?

Bem me lembro das altas ruazinhas,

Que ambos nós percorremos de mãos dadas:

Às janelas palavram as vizinhas;

Tinham lívidas luzes as fachadas.

Não me esqueço das cousas que disseste,

Ante um pesado templo com recortes;

E os cemitérios ricos, e o cipreste

Que vive de gorduras e de mortes!

Nós saíramos próximo ao sol-posto,

Mas seguíamos cheios de demoras;

Não me esqueceu ainda o meu desgosto

Nem o sino rachado que deu horas.

Tenho ainda gravado no sentido,

Porque tu caminhavas com prazer,

Cara rapada, gordo e presumido,

O padre que parou para te ver.

Como uma mitra a cúpula da igreja

Cobria parte do ventoso largo;

E essa boca viçosa de cereja

Torcia risos com sabor amargo.

A Lua dava trémulas brancuras,

Eu ia cada vez mais magoado;

Vi um jardim com árvores escuras,

Como uma jaula todo gradeado!

E para te seguir entrei contigo

Num pátio velho, que era dum canteiro,

E onde, talvez, se faça inda o jazigo

Em que eu irei apodrecer primeiro!

Eu sinto ainda a flor da tua pele,

Tua luva, teu véu, o que tu és!

Não sei que tentação é que te impele

Os pequeninos e cansados pés.

Sei que em tudo atentavas, tudo vias!

Eu por mim tinha pena dos marçanos,

Como ratos, nas gordas mercearias,

Encafurnados por imensos anos!

Tu sorrias de tudo: Os carvoeiros,
Que aparecem ao fundo dumas minas,
E à crua luz os pálidos barbeiros
Com óleos e maneiras femininas!

Fins de semana! Que miséria em bando!
O povo folga, estúpido e grisalho!
E os artistas de ofício iam passando,
Com as férias, ralados do trabalho.

O quadro interior, dum que à candeia,
Ensina a filha a ler, meteu-me dó!
Gosto mais do plebeu que cambaleia,
Do bêbado feliz que fala só!

De súbito, na volta de uma esquina,

Sob um bico de gás que abria em leque,

Vimos um militar, de barretina

E galões marciais de pechisbeque.

E enquanto ele falava ao seu namoro,

Que morava num prédio de azulejo,

Nos nossos lábios retiniu sonoro

Um vigoroso e formidável beijo!

E assim ao meu capricho abandonada,

Errámos por travessas, por vielas,

E passámos por pé duma tapada

E um palácio real com sentinelas.

E eu que busco a moderna e fina arte,

Sobre a umbrosa calçada sepulcral,

Tive a rude intenção de violentar-te

Imbecilmente, como um animal!

Mas ao rumor dos ramos e da aragem,

Como longínquos bosques muito ermos,

Tu querias no meio da folhagem

Um ninho enorme para nós vivermos.

E ao passo que eu te ouvia abstratamente,

Ó grande pomba tépida que arrulha,

Vinham batendo o macadam fremente,

As patadas sonoras da patrulha.

E através a imortal cidadezinha,

Nós fomos ter às portas, às barreiras,

Em que uma negra multidão se apinha

De tecelões, de fumos, de caldeiras.

Mas a noite dormente e esbranquiçada

Era uma esteira lúcida de amor;

Ó jovial senhora perfumada,

Ó terrível criança! Que esplendor!

E ali começaria o meu desterro!...

Lodoso o rio, e glacial, corria;

Sentamo-nos, os dois, num novo aterro

Na muralha dos cais de cantaria.

Nunca mais amarei, já que não amas,

E é preciso, decerto, que me deixes!

Toda a maré luzia como escamas,

Como alguidar de prateados peixes.

E como é necessário que eu me afoite

A perder-me de ti por quem existo,

Eu fui passar ao campo aquela noite

E andei léguas a pé, pensando nisto.

E tu que não serás somente minha,

As carícias leitosas do luar,

Recolheste-te, pálida e sozinha,

À gaiola do teu terceiro andar!

MANHÃS BRUMOSAS

Aquela, cujo amor me causa alguma pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, bucólica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Que línguas fala? Ao ouvir-lhe as inflexões inglesas,
– Na névoa azul, a caça, as pescas, os rebanhos! –

Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas;
o meu desejo nada em época de banhos,
E, ave de arribação, ele enche de surpresas
Seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As irlandesas têm soberbos desmazelos!

Ela descobre assim, com lentidões ufanas,
Alta, escorrida, abstrata, os grossos tornozelos;
E como aquelas são marítimas, serranas,
Sugere-me o naufrágio, as músicas, os gelos
E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um rural boy! Sem brincos nas orelhas,
Traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos,
Botões a tiracolo e aplicações vermelhas;
E à roda, num país de prados e barrancos,
Se as minhas mágoas vão, mansíssimas ovelhas,
Correm os seus desdêns, como vitelos brancos.

E aquela, cujo amor me causa alguma pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,

Por entre o campo e o mar, católica, morena,

Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

FRÍGIDA

I

Balzac é meu rival, minha senhora inglesa!

Eu quero-a .porque odeio as carnações redondas!

Mas ele eternizou-lhe a singular beleza

E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II

Admiro-a. A sua longa e plácida estatura

Expõe a majestade austera dos Invernos.

Não cora no seu todo a tímida candura;

Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III

Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,

Numa das mãos franzindo um lenço de cambraia!...

Ninguém me prende assim, fúnebre, extravagante,

Quando arregaça e ondula a preguiçosa saia!

IV

Ouso esperar, talvez, que o seu amor me acoite,

Mas nunca a fitarei duma maneira franca;

Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,

E, como o Sol, dourada, e, como a Lua, branca!

V

Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso,

Ó gélida mulher bizarramente estranha,

E trémulo depor os lábios no seu pulso,

Entre a macia luva e o punho de bretanha!...

VI

Cintila no seu rosto a lucidez das joias.

Ao encarar consigo, a fantasia pasma;

Pausadamente lembra o silvo das jiboias

E a marcha demorada e muda dum fantasma.

VII

Metálica visão que Charles Baudelaire

Sonhou e presentiu nos seus delírios mornos,

Permita que eu lhe adule a distinção que fere,

As curvas da magreza e o lustre dos adornos!

VIII

Deslize como um astro, um astro que declina;

Tão descansada e firme é que me desvaria,

E tem a lentidão duma corveta fina

Que nobremente vá num mar de calma.

IX

Não me imagine um doido. Eu Vivo como um monge,

No bosque das ficções, ó grande flor do Norte!

E, ao persegui-la, penso acompanhar de longe

O sossegado espectro angélico da Morte!

X

O seu vagar oculta uma elasticidade

Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,

E a sua glacial impassibilidade

Exalta o meu desejo e irrita o meu nervoso.

XI

Porém, não arderei aos seus contactos frios,

E não me enroscará nos serpentinos braços:

Receio suportar febrões e calafrios;

Adoro no seu corpo os movimentos lassos.

XII

E se uma vez me abrisse o colo transparente,

E me osculasse, enfim, flexível e submissa,

Eu julgaria ouvir alguém, agudamente,

Nas trevas, a cortar pedaços de cortiça!

DE VERÃO

A Eduardo Coelho

I

No campo; eu acho nele a musa que me anima:

A claridade, a robustez, a ação.

Esta manhã, saí com minha prima,

Em quem eu noto a mais sincera estima

E a mais completa e séria educação.

II

Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro

Da lírica excursão, de intimidade.

Não pinto a velha ermida com seu adro;

Sei só desenho de compasso e esquadro,

Respiro indústria, paz, salubridade.

III

Andam cantando aos bois; vamos cortando as leiras;

E tu dizias: «Fumas? E as fagulhas?

Apaga o teu cachimbo junto às eiras;

Colhe-me uns brincos rubros nas ginjeiras!

Quanto me alegra a calma das debulhas!»

IV

E perguntavas sobre os últimos inventos

Agrícolas. Que aldeias tão lavadas!

Bons ares! Boa luz! Bons alimentos!

Olha: Os saloios vivos, corpulentos,

Como nos fazem grandes barretadas!

V

Voltemos. Na ribeira abundam as ramagens

Dos olivais escuros. Onde irás?

Regressam os rebanhos das pastagens;

Ondeam milhos, nuvens e miragens,

E, silencioso, eu fico para trás.

VI

Numa colina azul brilha um lugar caiado.

Belo! E arrimada ao cabo da sombrinha,

Com teu chapéu de palha, desabado,

Tu continuas na azinhaga; ao lado

Verdeja, vicejante, a nossa vinha.

VII

Nisto, parando, como alguém que se analisa,

Sem desprender do chão teus olhos castos,

Tu começaste, harmónica, indecisa,

A arregaçar a chita, alegre e lisa

Da tua cauda um pouquinho a rastos.

VIII

Espreitam-te, por cima, as frestas dos celeiros;

O sol abrasa as terras já ceifadas,

E alvejam-te, na sombra dos pinheiros,

Sobre os teus pés decentes, verdadeiros,

As saias curtas, frescas, engomadas.

IX

E, como quem saltasse, extravagantemente,

Um rego de água, sem se enxovalhar,

Tu, a austera, a gentil, a inteligente,

Depois de bem composta, deste à frente

Uma pernada cómica, vulgar!

X

Exótica! E cheguei-me ao pé de ti. Que vejo!

No atalho enxuto, e branco das espigas

Caídas das carradas no salmejo,

Esguio e a negrejar em um cortejo,

Destaca-se um carreiro de formigas.

XI

Elas, em sociedade, espertas, diligentes,

Na natureza trémula de sede,

Arrastam bichos, uvas e sementes;

E atulham, por instinto, previdentes,

Seus antros quase ocultos na parede.

XII

E eu desatei a rir como qualquer macaco!

«Tu não as esmagares contra o solo!»

E ria-me, eu ocioso, inútil, fraco,

Eu de jasmim na casa do casaco

E de óculo deitado a tiracolo!

XIII

«As ladras da colheita! Eu se trouxesse agora

Um sublimado corrosivo, uns pós

De solimão, eu, sem maior demora,

Envenená-las-ia! Tu, por ora,

Preferes o romântico ao feroz.

XIV

Que compaixão! Julgava até que matarias

Esses insetos importunos! Basta.

Merecem-te espantosas simpatias?

Eu felicito suas senhorias,

Que honraste com um pulo de ginasta!»

XV

E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros

Luziam, com doçura, honestamente;

De longe o trigo em monte, e os calcadoiros,

Lembravam-me fusões de imensos oiros,

E o mar um prado verde e fluorescente.

XVI

Vibravam, na campina, as chocas da manada;

Vinham uns carros a gemer no outeiro,

E finalmente, enérgica, zangada,

Tu inda assim bastante envergonhada,

Volveste-me, apontando o formigueiro:

XVII

«Não me incomode, não, com ditos detestáveis!

Não seja simplesmente um zombador!

Estas mineiras negras, incansáveis,

São mais economistas, mais notáveis,

E mais trabalhadoras que o senhor.»

O SENTIMENTO DE UM OCIDENTAL

A Guerra Junqueiro

I

AVE-MARIAS

Nas nossas ruas, ao anoitecer,

Há tal soturnidade, há tal melancolia,

Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia

Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,

O gás extravasado enjoa-me, perturba-me;

E os edifícios, com as chaminés, e a turba

Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emmadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga, os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos,
Embrenho-me a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:

Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado

Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!

Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!

De um couraçado inglês vogam os escaleres;

E em terra num tinido de louças e talheres

Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;

Um trôpego arlequim braceja numas andas;

Os querubins do lar flutuam nas varandas;

Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;

Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;

E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,

Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!

Seus troncos varonis recordam-me pilastras;

E algumas, à cabeça, embalam nas canastras

Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,

Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;

E apinham-se num bairro aonde miam gatas,

E o peixe podre gera os focos de infeção!

II

NOITE FECHADA

Toca-se às grades, nas cadeias. Som

Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!

O Aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,

Bem raramente encerra uma mulher de “dom”!

E eu desconfio, até, de um aneurisma

Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;

À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,

Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,

E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos

Alastram em lençol os seus reflexos brancos;

E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,

Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:

Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,

Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,
Muram-me as construções retas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria

Dos arcos dos quartéis que foram já conventos;

Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,

Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives

Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,

Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes,

Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas

Descem dos magasins, causam-me sobressaltos;

Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos

E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,

Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:

Entro na brasserie; às mesas de emigrados,

Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

III

AO GÁS

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos

Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.

Ó moles hospitais! Sai das embocaduras

Um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso

Ver círios laterais, ver filas de capelas,

Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,

Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo

Resvalam pelo chão minado pelos canos;

E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cutileiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confeções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos revérberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,
A sua traîne imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes

Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;

Da solidão regouga um cauteleiro rouco;

Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»

E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,

Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,

Meu velho professor nas aulas de Latim!

IV

HORAS MORTAS

O teto fundo de oxigénio, de ar,

Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;

Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,

Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!

Um parafuso cai nas lajes, às escuras:

Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,

E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta

A dupla correnteza augusta das fachadas;

Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,

As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente

Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!

Esqueço-me a prever castíssimas esposas,

Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,

Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!

Eu quero as vossas mães e irmãs estremeçadas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Em Portugal a Camões, publicação extraordinária

do Jornal de Viagens do Porto, no dia 10 de Junho de 1880

DE TARDE

Naquele piquenique de burguesas,
Houve uma coisa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,
Nós acampámos, inda o Sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro a sair da renda

Dos teus dois seios como duas rolas,

Era o supremo encanto da merenda

O ramalhete rubro das papoulas!

EM PETIZ

I

DE TARDE

Mais morta do que viva, a minha companheira

Nem força teve em si para soltar um grito;

E eu, nesse tempo, um destro e bravo rapazito,

Como um homenzarrão servi-lhe de barreira!

Em meio de arvoredos, azenhas e ruínas,

Pulavam para a fonte as bezerrinhas brancas,

E, tetas a abanar, as mães, de largas ancas,

Desciam mais atrás, malhadas e turmas.

Do seio do lugar – casitas com postigos –

Vem-nos o leite. Mas batizam-no primeiro.

Leva-o, de madrugada, em bilhas, o leiteiro,

Cujo pregão vos tira ao vosso sono, amigos!

Nós dávamos, os dois, um giro pelo vale:

Várzeas, povoações, pegos, silêncios vastos!

E os fartos animais, ao recolher dos pastos,

Roçavam pelo teu costume de percale.

Já não receias tu essa vaquita preta,

Que eu segurei, preendi por um chavelho? Juro

Que estavas a tremer, cosida com o muro,

Ombros em pé, medrosa, e fina, de luneta!

II

OS IRMÃOZINHOS

Pois eu, que no deserto dos caminhos,

Por ti me expunha imenso, contra as vacas;

Eu, que apartava as mansas das velhacas,

Fugia com terror dos pobrezinhos!

Vejo-os no pátio, ainda! Ainda os ouço!

Os velhos, que nos rezam padre-nossos;

Os mandriões que rosnam, altos, grossos;

E os cegos que se apoiam sobre o moço.

Ah! Os ceguinhos com a cor dos barros,

Ou que a poeira no suor mascarra,

Chegam das feiras a tocar guitarra,

Rolam os olhos como dois escarros!

E os pobres metem medo! Os de marmita,

Para forrar, por ano, alguns patacos,

Entrapam-se nas mantas com buracos,

Choramitando, a voz rachada, aflita.

Outros pedincham pelas cinco chagas;

E no poial, tirando as ligaduras,

Mostram as pernas pútridas, maduras,

Com que se arrastam pelas azinhagas!

Querem viver! E picam-se nos cardos;

Correm as vilas; sobem os outeiros;

E às horas de calor, nos esterqueiros,

De roda deles zumbem os moscardos.

Aos sábados, os monstros, que eu lamento,

Batiam ao portão com seus cajados;

E um aleijado, com os pés quadrados,

Pedia-nos de cima de um jumento.

O resmungão! Que barbas! Que sacolas!

Cheirava a migas, a bafio, a arrotos;

Dormia as noutes por telheiros rotos,

E sustentava o burro a pão de esmolas.

*

Ó minha loura e doce como um bolo!

Afável hospeda na nossa casa,

Logo que a tórrida cidade abrasa,

Como um enorme forno de tijolo!

Tu visitavas, esmoler, garrida,

Umas crianças num casal queimado;

E eu, pela estrada, espicaçava o gado,

Numa atitude esperta e decidida.

Por lobisomens, por papões, por bruxas,

Nunca sofremos o menor receio.

Temíeis, vós, porém, o meu asseio,

Mendigazitas sordidas, gorduchas!

Vícios, sezões, epidemias, furtos,

Decerto, fermentavam entre lixos;

Que podridão cobria aqueles bichos!

E que luar nos teus fatinhos curtos!

*

Sei duma pobre, apenas, sem desleixos.

Ruça, descalça, a trote nos atalhos,

E que lavava o corpo e os seus retalhos

No rio, ao pé dos choupos e dos freixos.

E a douda a quem chamavam a «Ratada»

E que falava só! Que antipatia!

E se com ela a malta contendia,

Quanta indecência! Quanta palavrada!

Uns operários, nestes descampados,

Também surdiam, de chapéu de coco,

Dizendo-se, de olhar rebelde e louco,

Artistas despedidos, desgraçados.

Muitos! E um bêbado – o Camões – que fora

Rico, e morreu a mendigar, zarolho,

Com uma pala verde sobre um olho!

Tivera ovelhas, bois, mulher, lavoura.

E o resto? Bandos de selvagenzinhos:

Um nu que se gabava de maroto;

Um, que cortada a mão, coçava o coto.

E os bons que nos tratavam por padrinhos.

Pediam fatos, botas, cobertores!

Outro jogava bem o pau, e vinha

Chorar, humilde, junto da cozinha:

«Cinco reizinhos!... Nobres benfeitores!...»

E quando alguns ficavam nos palheiros,

E de manhã catavam os piolhos:

Enquanto o sol batia nos restolhos

E os nossos cães ladravam, rezingueiros!

Hoje entristeço. Lembro-me dos coxos,

Dos surdos, dos manhosos, dos manetas.

Sulcavam as calçadas, as muletas;

Cantavam, no pomar, os pintarroxos!

III

HISTÓRIAS

Cismático, doente, azedo, apoquentado,

Eu agourava o crime, as facas, a enxovia,

Assim que um besuntão dos tais se apercebia

Da minha blusa azul e branca, de riscado.

Mináveis, ao serão, a cabecita loira,

Com contos de província, ingénuas criaditas:

Quadrilhas assaltando as quintas mais bonitas,

E pondo a gente fina, em postas, de salmoira!

Na noite velha, a mim, como tições ardendo,

Fitavam-me os olhões pesados das ciganas;

Deitavam-nos o fogo aos prédios e arribanas;

Cercava-me um incêndio ensanguentado, horrendo.

E eu que era um cavalão, eu que fazia pinos,

Eu que jogava a pedra, eu que corria tanto,

Sonhava que os ladrões – homens de quem me espanto –

Roubavam para azeite a carne dos meninos!

E protegia-te, eu, naquele Outono brando,

Mal tu sentias entre as serras esmoitadas,

Gritos de maiorais, mugidos de boiadas,

Branca de susto, meiga, e míope, estacando!

NÓS

A. A. da S. V.

I

Foi quando em dois Verões, seguidamente, a Febre

E o Cólera também andaram na cidade,

Que esta população, com um terror de lebre,

Fugiu da capital como da tempestade.

Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas,

(Até então nós só tivéramos sarampo),

Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas

Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:

O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;

Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos

Morreram todos. Nós salvámo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco da epidemia,

Um pânico! Nem um navio entrava a barra,

A alfândega parou, nenhuma loja abria,

E os turbulentos cais cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trens dos batizados,

Rodavam sem cessar as segas dos enterros.

Que triste a sucessão dos armazéns fechados!

Como um domingo inglês na city, que desterros!

Sem canalização, em muitos burgos ermos,

Secavam dejeções cobertas de mosqueiros.

E os médicos, ao pé dos padres e coveiros,

Os últimos fiéis, tremiam dos enfermos!

Uma iluminação a azeite de purgueira,
De noite, amarelava os prédios macilentos.
Barricas de alcatrão ardiam; de maneira
Que tinham tons de inferno outros arruamentos.

Porém, lá fora, à solta, exageradamente,
Enquanto acontecia essa calamidade,
Toda a vegetação, pletórica, potente,
Ganhava imenso com a enorme mortandade!

Num ímpeto de seiva os arvoredos fartos,
Numa opulenta fúria as novidades todas,
Como uma universal celebração de bodas,
Amaram-se! E depois houve soberbos partos.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa,

Triste de ouvir falar em órfãos e em viúvas,
E em permanência olhando o horizonte em brasa,
Não quis voltar senão depois das grandes chuvas.

Ele, dum lado, via os filhos achacados,
Um lívido flagelo e uma moléstia horrenda!
E via, do outro lado, eiras, lezírias, prados,
E um salutar refúgio e um lucro na vivenda!

E o campo,, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro!

II

Que de fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas,

Em que o sol, nos talhões e nas latadas,

Bate de chapa, logo de manhã!

O laranjal de folhas negrejantes

(Porque os terrenos são resvaladiços)

Desce em socalcos todos os maciços,

Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que criam cereais,

De que os donos – ainda! – pagam foros,

Dividem-no fechados pitósporos,

Abrigos de raízes verticais.

Ao meio, a casaria branca assenta

À beira da calçada, que divide

Os escuros pomares de pevide,

Da vinha numa encosta soalhenta!

Entretanto, não há maior prazer
Do que, na placidez das duas horas,
Ouvir e ver, entre o chiar das noras,
No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre ulmeiros seculares,
Seca o rio! Em três meses de estiagem,
O seu leito é um atalho de passagem,
Pedregosíssimo, entre dois lugares.

Como lhe luzem seixos e burgaus
Roliços! Marinham nas ladeiras
Os renques africanos das piteiras,
Que como aloés espigam altos paus!

Montanhas inda mais longinquamente,

Com restevas, com combros como boças,
Lembram cabeças estupendas, grossas,
De cabelo grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos vales, em geral,
Como em vidraça duma enorme estufa,
Tudo se atrai, se impõe, alarga e entufa,
Duma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos!
Que torrão espontâneo que nós somos!
Pela outonal maturação dos pomos,
O Com a carga, no chão pousam os ramos.

E assim postas, nos barros e areais,
As maceiras vergadas fortemente,
Parecem, duma fauna surpreendente,

Os pólipos enormes, diluviais.

Contudo, nós não temos na fazenda

Nem uma planta só de mero ornato!

Cada pé mostra-se útil, é sensato,

Por mais finos aromas que rescenda!

Finalmente, na fértil depressão,

Nada se vê que a nossa mão não regre:

A florescência dum matiz alegre

Mostra um sinal – a frutificação!

*

Ora, há dez anos, neste chão de lava

E argila e areia e aluviões dispersas,

Entre espécies botânicas diversas,

Forte, a nossa família radiava!

Unicamente, a minha doce irmã,

Como uma ténue e imaculada rosa,

Dava a nota galante e melindrosa

Na trabalhadeira rústica, aldeã.

E foi num ano pródigo, excelente,

Cuja amargura nada sei que adoce,

Que nós perdemos essa flor precoce,

Que cresceu e morreu rapidamente!

Ai daqueles que nascem neste caos,

E, sendo fracos, sejam generosos!

As doenças assaltam os bondosos

E – custa a crer – deixam viver os maus!

*

Fecho os olhos cansados, e descrevo

Das telas da memória retocadas,

Biscates, hortas, batatais, latadas,

No país montanhoso, com relevo!

Ah! Que aspetos benignos e rurais

Nesta localidade tudo tinha,

Ao ires, com o banco de palhinha,

Para a sombra que faz nos parreirais!

Ah! Quando a calma, à sesta, nem consente

Que uma folha se mova ou se desmanche,

Tu refeita e feliz com o teu lunch,

Nos ajudavas, voluntariamente!...

Era admirável – neste grau do Sull –

Entre a rama avistar teu rosto alvo,

Ver-te escolhendo a uva diagalvo,

Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo:

Dependiam da sorte do mercado

O boal, que é de pérolas formado

E o ferral, que é ardente e cor de fogo!

Em agosto, ao calor canicular,

Os pássaros e enxames tudo infestam;

Tu cortavas os bagos que não prestam

Com a tua tesoura de bordar.

Douradas, pequeninas, as abelhas

E negros, volumosos, os besoiros

Circundavam, com ímpetos de toiros,

As tuas candidíssimas orelhas.

Se uma vespa lançava o seu ferrão

Na tua cútis – pétala de leite! –

Nós colocávamos dez réis e azeite

Sobre a galante, a rósea inflamação!

E se um de nós, já farto, arrenegado,

Com o chapéu caçava a bicharia,

Cada zângão voando, à luz do dia,

Lembrava o teu dedal arremessado.

*

Que de encantos! Na força do calor

Desabrochavas no padrão da bata,

E surgindo da gola e da gravata,
Teu pescoço era o caule duma flor!

Mas que cegueira a minha! Do teu porte

A fina curva, a indefinida linha,

Com bondades de herbívora mansinha,

Eram prenúncios de fraqueza e morte!

À procura da libra e do shilling,

Eu andava abstrato e sem que visse

Que o teu alvor romântico de miss,

Te obrigava a morrer antes de mim!

E antes tu, ser lindíssimo, nas faces

Tivesses «pano» como as camponesas;

E sem brancuras, sem delicadezas,

Vigorosa e plebeia, inda durasses!

Uns modos de carnívora feroz

Podias ter em vez de inofensivos;

Tinhas caninos, tinhas incisivos,

E podias ser rude como nós!

Pois neste sítio, que era de sequeiro,

Todo o género ardente resistia,

E à larguíssima luz do Meio-Dia,

Tomava um tom opálico e trigueiro.

*

Sim! Europa do Norte, o que supões

Dos vergéis que abastecem teus banquetes,

Quando às docas, com frutas, os paquetes

Chegam antes das tuas estações?!

Oh! Os ricos primeurs da nossa terra

E as tuas frutas ácidas, tardias,

No azedo amoniacal das queijarias

Dos flegmáticos farmers de Inglaterra!

Ó cidades fabris, industriais,

De nevoeiros, poeiradas de hulha,

Que pensais do país que vos atulha

Com a fruta que sai de seus quintais?

Todos os anos, que frescor se exala!

Abundâncias felizes que eu recordo!

Carradas brutas que iam para bordo!

Vapores por aqui fazendo escala!

Uma alta parreira moscatel

Por doce não servia para embarque!

Palácios que rodeiam Hyde-Park,

Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado,

Não as têm nas florestas em que há corças,

Nem em vós que dobrais as vossas forças,

Pradarias dum verde ilimitado!

Anglos-Saxónios, tendes que invejar!

Ricos suicidas, comparai convosco!

Aqui tudo espontâneo, alegre, tosco,

Facílmo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos

Vossos montes de escórias inda quentes!

E as febris oficinas estridentes

Às nossas tecelagens e moinhos!

E ó condados mineiros! Extensões

Carboníferas! Fundas galerias!

Fábricas a vapor! Cutelarias!

E mecânicas, tristes fiações!

Bem sei que preparais corretamente

O aço e a seda, as lâminas e o estofo:

Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,

Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é maquinal,

Sem vida, como um círculo ou um quadrado,

Com essa perfeição do fabricado,

Sem o ritmo do vivo e do real!

E cá o santo sol, sobre isto tudo,
Faz conceber as verdes ribanceiras;
Lança as rosáceas belas e fruteiras
Nas searas de trigo palhagudo!

Uma aldeia daqui é mais feliz,
Londres sombria em que cintila a corte!
Mesmo que tu, que vives a compor-te,
Grande seio arquejante de Paris!...

Ah! Que de glória, que de colorido
Quando por meu mandado e meu conselho,
Cá se empapelam «as maçãs de espelho»
Que Herbert Spencer talvez tenha comido.

Para alguns são prosaicos, são banais
Estes versos de fibra succulenta;

Como se a polpa que nos dessedenta

Nem ao menos valesse uns madrigais!

Pois o que a boca trava com surpresas

Senão as frutas tónicas e puras!

Ah! Num jantar de carnes e gorduras

A graça vegetal das sobremesas!...

Jack, marujo inglês, tu tens razão

Quando, ancorando em portos como os nossos,

As laranjas com cascas e caroços

Comes com bestial sofreguidão!

*

A impressão doutros tempos, sempre viva,

Dá estremeções no meu passado morto,

E inda viajo, muita vez, absorto,

Pelas várzeas da minha retentiva.

Então recordo a paz familiar,

Todo um painel pacífico de enganos!

E a distância fatal duns poucos de anos

É uma lente convexa, de aumentar.

Todos os tipos mortos ressuscito!

Perpetuam-se assim alguns. minutos!

E eu exagero os casos diminutos

Dentro dum véu de lágrimas bendito.

Pinto quadros por letras, por sinais,

Tão luminosos como os de Levante,

Nas horas em que a calma é mais queimante,

Na quadra em que o verão aperta mais.

Como destacam, vivas, certas cores,

Na vida externa cheia de alegrias!

Horas, vozes, locais, fisionomias,

As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar

E a rama de pinheiro! Eu adivinho

O resinoso, o tão agreste pinho

Serrado nos pinhais da beira-mar.

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,

Cheia de nós, de imperfeições, de rachas,

Depois armavam-se, num pronto, as caixas

Sob uma calma espessa e calaceira!

Feias e fortes! Punham-lhes papel

A forrá-las. E em grossa serradura

Acamava-se a uva prematura

Que não deve servir para tonel!

Cingiam-nas com arcos de castanho

Nas ribeiras cortados, nos riachos;

E eram de açúcar e calor os cachos,

Criados pelo esterco e pelo amanhã!

Õ pobre estrume, como tu compões

Estes pâmpanos doces como afagos!

«Dedos-de-dama»: transparentes bagos!

«Tetas-de-cabra»: lácteas carnações!

E não eram caixitas bem dispostas

Como as passas de Málaga e Alicante;

Com sua forma estável, ignorante,

Estas pesavam, brutalmente, às costas!

Nos vinhatórios via fulgurar,

Com tanta cal que torna as vistas cegas,

Os paralelogramos das adegas,

Que têm lá dentro as domas e o lagar!

Que rudeza! Ao ar livre dos estios,

Que grande azáfama! Apressadamente

Como soava um martelar frequente,

Véspera da saída dos navios!

Ah! Ninguém entender que ao meu olhar

Tudo tem certo espírito secreto!

Com folhas de saudades um objeto

Deita raízes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,
Cujo bico de pássaro se arqueia,
Forjadas no casebre duma aldeia,
São antigas amigas que eu contemplo!

Elas, em seu labor, em seu lidar,
Com sua ponta como a das podas,
Serviam probas, úteis, dignas, boas,
Nunca tintas de sangue e de matar.

E as enxós de martelo, que dum lado
Cortavam mais do que as enxadas cavam,
Por outro lado, rápidas, pregavam,
Duma pancada, o prego fasquiado!

O meu ânimo verga na abstração,
Com a espinha dorsal dobrada ao meio,

Mas se de materiais descobro um veio

Ganho a musculatura dum Sansão!

E assim – e mais no povo a vida é corna –

Amo os ofícios como o de ferreiro,

Com seu fole arquejante, seu braseiro,

Seu malho retumbante na bigorna!

E sinto, se me ponho a recordar

Tanto utensílio, tantas perspectivas,

As tradições antigas, primitivas,

E a formidável alma popular!

Oh! Que brava alegria eu tenho quando

Sou tal qual como os mais! E, sem talento,

Faço um trabalho técnico, violento,

Cantando, praguejando, batalhando!

*

Os fruteiros, tostados pelos sóis,
Tinham passado, muita vez, a raia,
E espertos, entre os mais da sua laia,
– Pobres campónios – eram uns heróis.

E por isso, com frases imprevistas,
E colorido e estilo e valentia,
As haciendas que há na «Andalucia»
Pintavam como novos paisagistas.

De como, às calmas, nessas excursões,
Tinham águas salobras por refrescos;
E amarelos, enormes, gigantescos,
Lá batiam o queixo com sezões!

Tinham corrido já na adusta Espanha,

Todo um fértil plató sem arvoredos,

Onde armavam barracas nos vinhedos

Como tendas alegres de campanha.

Que pragas castelhanas, que alegrão

Quando contavam cenas de pousadas!

Adoravam as cintas encarnadas

E as cores, como os pretos do sertão!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,

A educação vistosa das viagens!

Uns por terra partiam e estalagens,

Outros, aos montes, no convés dum briguel!

Só um havia, triste e sem falar,

Que arrastava a maior misantropia,

E, roxo como um fígado, bebia

O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangue

De ricos! Antes, como os abrutados,

Andar com uns sapatos enebados,

E ter riqueza química no sangue!

*

Mas hoje a rústica lavoura, quer

Seja o patrão, quer seja o jornaleiro,

Que inferno! Em vão o lavrador rasteiro

E a filharada lidam, e a mulher!

Desde o princípio ao fim é uma maçada

De mil demónios! Torna-se preciso

Ter-se muito vigor, muito juízo

Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar

As cepas, desde que eu as podo e empo.

Ah! O campo não é um passatempo

Com bucolismos, rouxinóis, luar.

A nós tudo nos rouba e nos dizima:

O rapazio, o imposto, as pardaladas,

As osgas peçonhentas, achatadas,

E as abelhas que engordam na vindima.

É o pulgão, a lagarta, os caracóis,

E há inda, além do mais com que se ateima,

As intempéries, o granizo, a queima,

E a concorrência com os espanhóis.

Na venda, os vinhateiros de Almeria

Competem contra os nossos fazendeiros.

Dão frutas aos leilões dos estrangeiros,

Por uma cotação que nos desvia!

Pois tantos contras, rudes como são,

Forte e teimoso, o camponês destrói-os!

Venham de lá pesados os comboios

E os «buques» estivados no porão!

Não, não é justo que eu a culpa lance

Sobre estes nadas! Puras bagatelas!

Nós não vivemos só de coisas belas,

Nem tudo corre como num romance!

Para a Terra parir há de ter dor,
E é para obter as ásperas verdades,
Que os agrónomos cursam nas cidades,
E, à sua custa, aprende o lavrador.

Ah! Não eram insetos nem as aves
Que nos dariam dias tão difíceis,
Se vós, sábios, na gente, descobrisseis
Como se curam as doenças graves.

Não valem nada a cava, a enxofra, e o mais!
Difícultoso trato das searas!
Lutas constantes sobre as jornas caras!
Compras de bois nas feiras anuais!

O que a alegria em nós destrói e mata,
Não é rede arrastante de escalracho,

Nem é «suão» queimante como um facho,

Nem invasões bulbosas de erva-pata.

Podia ter secado o poço em que eu

Me debruçava e te pregava sustos,

E mais as ervas, árvores e arbustos

Que – tanta vez! – a tua mão colheu.

«Moléstia negra» nem charbon não era,

Como um archote incendiando as parras!

Tão-pouco as bastas e invisíveis garras,

Da enorme legião do filoxera!

Podiam mesmo com o que contêm,

Os muros ter caído às invernias!

Somos fortes! As nossas energias

Tudo vencem e domam muito bem!

Que os rios, sim, que como touros mugem,

Trasbordando atulhassem as regueiras!

Chorassem de resina as laranjeiras!

Enegrescessem outras com ferrugem!

As turvas cheias de novembro, em vez

Do nateiro subtil que fertiliza,

Fossem a inundaçãõ que tudo pisa,

No rebanho afogassem muita rês!

Ah! Nesse caso pouco se perdera,

Pois isso tudo era um pequeno dano,

À vista do cruel destino humano

Que os dedos te fazia como cera!

Era essa tísica em terceiro grau,

Que nos enchia a todos de cuidado,

Te curvava e te dava um ar alado

Como quem vai voar dum mundo mau.

Era a desolação que inda nos mina

(Porque o fastio é bem pior que a fome)

Que a meu pai deu a curva que o consome,

E a minha mãe cabelos de platina!

Era a clorose, esse tremendo mal,

Que desertou e que tornou funesta

A nossa branca habitação em festa

Reverberando a luz meridional.

Não desejemos, – nós os sem defeitos, –

Que os tísicos pereçam! Má teoria,

Se pelos meus o apuro principia,

Se a Morte nos procura em nossos leitos!

A mim mesmo, que tenho a pretensão

De ter saúde, a mim que adoro a pompa

Das forças, pode ser que se me rompa

Uma artéria, e me mine uma lesão!

Nós outros, teus irmãos, teus companheiros,

Vamos abrindo um matagal de dores!

E somos rijos como os serradores!

E positivos como os engenheiros!

Porém, hostis, sobressaltados, sós,

Os homens arquitetam mil projetos

De vitória! E eu duvido que os meus netos

Morram de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortes ou velhacos

Serão apenas os sobreviventes;

E há pessoas sinceras e dementes,

E troncos grossos com seus ramos fracos!

E que fazer se a geração decai!

Se a seiva genealógica se gasta!

Tudo empobrece! Extingue-se uma casta!

Morre o filho primeiro de que o pai!

Mas seja como for tudo se sente,

Da tua ausência! Ah! como o ar nos falta,

Ó flor cortada, suscetível, alta,

Que assim secaste prematuramente!

Eu que de vezes tenho o desprazer

De refletir no túmulo! E medito

No eterno Incognoscível infinito,

Que as ideias não podem abranger!

Como em paul em que nem cresça a junca

Sei de almas estagnadas! Nós absortos,

Temos ainda o culto pelos Mortos,

Esses ausentes que não voltam nunca!

Nós ignoramos, sem religião,

Ao rasgarmos caminho, a fé perdida,

Se te vemos ao fim desta avenida

Ou essa horrível aniquilação!

E ó minha mártir, minha virgem, minha

Infeliz e celeste criatura,

Tu lembras-nos de longe a paz futura,

No teu jazigo, como uma santinha!

E enquanto a mim, és tu que substituis

Todo o mistério, toda a santidade

Quando em busca do reino da verdade

Eu ergo o meu olhar aos céus azuis!

III

Tínhamos nós voltado à capital maldita,

Eu vinha de polir isto tranquilamente,

Quando nos sucedeu uma cruel desdita,

Pois um de nós caiu, de súbito, doente.

Uma tuberculose abria-lhe cavernas!

Dá-me rebate ainda o seu tossir profundo!

E eu sempre lembrarei, triste, as palavras ternas,

Com que se despediu de todos e do mundo!

Pobre rapaz robusto e cheio de futuro!

Não sei dum infortúnio imenso como o seu!

Viu o seu fim chegar como um medonho muro,

E, sem querer, aflito e atónito, morreu!

De tal maneira que hoje, eu desgostoso e azedo

Com tanta crueldade e tantas injustiças,

Se inda trabalho é como os presos no degredo,

Com planos de vingança e ideias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,

Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,

Que sinto só desdém pela literatura,

E até desprezo e esqueço os meus amados versos!

Lisboa.

Jornal “A Ilustração”, 5 de Setembro de 1884.

PROVINCIANAS

I

Olá! Bons dias! Em março

Que mocetona e que jovem

A terra! Que amor esparso

Corre os trigos, que se movem

Às vagas dum verde garço!

Como amanhece! Que meigas

As horas antes de almoço!

Fartam-se as vacas nas veigas

E- um pasto orvalhado e moço

Produz as novas manteigas.

Toda a paisagem se doura;

Tímida ainda, que fresca!

Bela mulher, sim senhora,

Nesta manhã pitoresca,

Primaveral, criadora!

Bom sol! As sebes de encosto

Dão madressilvas cheirosas

Que entontecem como um mosto.

Floridas, às espinhosas

Subiu-lhes o sangue ao rosto.

Cresce o relevo dos montes,

Como seios ofegantes;

Murmuram como umas fontes

Os rios que dias antes

Bramiam galgando pontes.

E os campos, milhas e milhas,

Com povos de espaço a espaço,

Fazem-se às mil maravilhas;

Dir-se-ia o mar de sargaço

Glauco, ondulante, com ilhas!

Pois bem. O inverno deixou-nos.

É certo. E os grãos e as sementes

Que ficam doutros outonos

Acordam hoje frementes

Depois duns poucos de sonos.

Mas nem tudo são descantes;

Por esses longos caminhos,

Entre favais palpitantes,

Há solos bravos, maninhos,

Que expulsam seus habitantes!

É nesta quadra de amores
Que emigram os jornaleiros,
Ganhões e trabalhadores!
Passam clãs de forasteiros
Nas terras de lavradores.

Tal como existem mercados
Ou feiras, semanalmente,
Para comprarmos os gados,
Assim há praças de gente
Pelos domingos calados!

Enquanto a ovelha arredonda,
Vão tribos de sete filhos,
Por várzeas que fazem onda,
Para as derregas dos milhos
E molhadelas da monda.

De roda pulam borregos;

Enchem então as cardosas

As moças desses labregos,

Com altas botas barrosas

De se atirarem aos regos!

Ei-las que vêm às manadas,

Com caras de sofrimento,

Nas grandes marchas forçadas!

Vêm ao trabalho, ao sustento,

Com fources, sachos, enxadas!

Ai, o palheiro das servas

Se o feitor lhe tira as chaves!

Elas chegam às catervas,

Quando acasalam as aves

E se fecundam as ervas!...

II

Ao meio-dia na cama,

Branca fidalga, o que julga

Das pequenas da sua ama?!

Vivem minadas da pulga,

Negras do tempo e da lama.

Não é caso que a comova

Ver suas irmãs de leite,

Quer faça frio, quer chova,

Sem uma mamã que as deite

Na tepidez duma alcova?!

.....

III PARTE

POESIAS DISPERSAS

IMPOSSÍVEL

Nós podemos viver alegremente,

Sem que venham, com fórmulas legais,

Unir as nossas mãos, eternamente,

As mãos sacerdotais.

Eu posso ver os ombros teus desnudos,

Palpá-los, contemplar-lhes a brancura,

E até beijar teus olhos tão ramudos,

Cor d'azeitona escura.

Eu posso, se quiser, cheio de manha,

Sondar, quando vestida, para dar fé,

A tua camisinha de bretanha,

Ornada de crochet.

Posso sentir-te em fogo, escandecida,
De faces cor-de-rosa e vermelhão,
Junto a mim, com langor, entredormida,
Nas noites de Verão.

Eu posso, com valor que nada teme,
Contigo preparar lautos festins,
E ajudar-te a fazer o leite-creme,
E os mélicos pudins.

Eu tudo posso dar-te, tudo, tudo,
Dar-te a vida, o calor, dar-te cognac.
Hinos de amor, vestidos de veludo,
E botas de duraque.

E até posso com ar de rei, que o sou!
Dar-te cautelas brancas, minha rola,

Da grande lotaria que passou,

Da boa, da espanhola.

Já vês, pois, que podemos viver juntos,

Nos mesmos aposentos confortáveis,

Comer dos mesmos bolos e presuntos,

E rir dos miseráveis.

Nós podemos, nós dois, por nossa sina,

Quando o sol é mais rúbido e escarlate,

Beber na mesma chávena da China,

O nosso chocolate.

E podemos até, noites amadas!

Dormir juntos dum modo galhofeiro,

Com as nossas cabeças repousadas,

No mesmo travesseiro.

Posso ser teu amigo até à morte,

Somamente amigo! Mas por lei,

Ligar a minha sorte à tua sorte,

Eu nunca poderei!

Eu posso amar-te como o Dante amou,

Seguir-te sempre como a luz ao raio,

Mas ir, contigo, à Igreja, isso não vou,

Lá nessa é que eu não caio!

LÁGRIMAS

Ela chorava muito e muito, aos cantos,

Frenética, com gestos desabridos;

Nos cabelos, em ânsias desprendidos,

Brilhavam como pérolas os prantos.

Ele, o amante, sereno como os santos,

Deitado no sofá, pés aquecidos,

Ao sentir-lhe os soluços consumidos,

Sorria-se cantando alegres cantos.

E dizia-lhe então, de olhos enxutos:

– «Tu pareces nascida de rajada,

«Tens despeitos raivosos, resolutos;

«Chora, chora, mulher arrenegada;

«Lacremeja por esses aquedutos...

«Quero um banho tomar d'água salgada.»

PROH PUDOR

Todas as noites ela me cingia

Nos braços, com brandura gasalhosa;

Todas as noites eu adormecia,

Sentindo-a desleixada e langorosa.

Todas as noites uma fantasia

Lhe emanava da fronte imaginosa;

Todas as noites tinha uma mania

Aquela conceção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,

Ela tinha um furor dos mais soturnos,

Furor original, impertinente...

Todas as noites ela, ó sordidez!

Descalçava-me as botas, os coturnos,

E fazia-me cócegas nos pés...

MANIAS!

O mundo é velha cena ensanguentada,

Coberta de remendos, picaresca;

A vida é chula farsa assobiada,

Ou selvagem tragédia romanesca.

Eu sei um bom rapaz, – hoje uma ossada, –

Que amava certa dama pedantesca,

Perversíssima, esquelética e chagada,

Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a deia já rugosa,

Concedia-lhe o braço, com preguiça,

E o dengue, em atitude receosa,

Na sujeição canina mais submissa,

Levava na tremente mão nervosa,

O livro com que a amante ia ouvir missa!

A FORÇA

Já que adorar-me dizes que não podes,

Imperatriz serena, alva e discreta,

Ai, como no teu colo há muita seta

E o teu peito é peito dum Herodes.

Eu antes que encaneçam meus bigodes

Ao meu mister de amar-te hei de pôr meta,

O coração mo diz – feroz profeta,

Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho

Das eróticas dores do alvoroço,

Acabará na força, num azinho,

Mas o que há de apertar o meu pescoço

Em lugar de ser corda de bom linho

Será do teu cabelo um menos grosso.

Num tripúdio de Corte rigoroso

Eu sou quem descobriu Vénus linfática,

– Beleza escultural, grega, simpática,

Um tipo peregrino e luminoso. –

Foi lâmpada no mundo cavernoso,

Inspiradora foi de carta enfática,

Onde a alma candente mas sem tácita,

Se espraiava num canto lacrimoso.

Mas ela em papel fino e perfumado,

Respondeu certas coisas deslumbrantes,

Que o puseram, ó céus, desapontado!

Eram falsas as frases palpitantes

Pois que tudo, ó meu Deus, fora roubado

Ao bom do «Secretário dos Amantes».

Ó áridas Messalinas

não entreis no santuário,

transformareis em ruínas

o meu imenso sacrário!

Oh! a deusa das doçuras,

a mulher! eu a contemplo!

Vós tendes almas impuras,

não me profaneis o templo!

A mulher é ser sublime,

é conjunto de carinhos,

ela não propaga o crime,

em sentimentos mesquinhos.

Vós sois umas vis afrontas,

que nos dão falsos prazeres,

não sei se sois más se tontas,

mas sei que não sois mulheres!

EU E ELA

Cobertos de folhagem, na verdura,

O teu braço ao redor do meu pescoço,

O teu fato sem ter um só destroço,

O meu braço apertando-te a cintura;

Num mimoso jardim, ó pomba mansa,

Sobre um banco de mármore assentados.

Na sombra dos arbustos, que abraçados,

Beijarão meigamente a tua trança.

Nós havemos de estar ambos unidos,

Sem gozos sensuais, sem más ideias,

Esquecendo para sempre as nossas ceias,

E a loucura dos vinhos atrevidos.

Nós teremos então sobre os joelhos

Um livro que nos diga muitas cousas

Dos mistérios que estão para além das lousas,

Onde havemos de entrar antes de velhos.

Outras vezes buscando distração,

Leremos bons romances galhofeiros,

Gozaremos assim dias inteiros,

Formando unicamente um coração.

Beatos ou pagãos, vida à paxá,

Nós leremos, aceita este meu voto,

O Flos-Sanctorum místico e devoto

E o laxo Cavaleiro de Faublas...

LÚBRICA

Mandaste-me dizer,
No teu bilhete ardente,
Que hás de por mim morrer,
Morrer muito contente.

Lançaste no papel
As mais lascivas frases;
A carta era um painel
De cenas de rapazes!

Ó cálida mulher,
Teus dedos delicados
Traçaram do prazer
Os quadros depravados!

Contudo, um teu olhar

É muito mais fogo,

Que a febre epistolar

Do teu bilhete ansioso:

Do teu rostinho oval

Os olhos tão nefandos

Traduzem menos mal

Os vícios execrandos.

Teus olhos sensuais

Libidinosa Marta,

Teus olhos dizem mais

Que a tua própria carta.

As grandes comoções

Tu, neles, sempre espelhas;

São lúbricas paixões

As vívidas centelhas...

Teus olhos imorais,

Mulher, que me dissecas,

Teus olhos dizem mais,

Que muitas bibliotecas!

HEROÍSMOS

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,

Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,

Escarro, com desdém, no grande mar!

CINISMOS

Eu hei de lhe falar lugubrememente

Do meu amor enorme e massacrado,

Falar-lhe com a luz e a fé dum crente.

Hei de expor-lhe o meu peito descarnado,

Chamar-lhe minha cruz e meu calvário,

E ser menos que um Judas empalhado.

Hei de abrir-lhe o meu íntimo sacrário

E desvendar-lhe a vida, o mundo, o gozo,

Como um velho filósofo lendário.

Hei de mostrar, tão triste e tenebroso,

Os pegos abismais da minha vida,

E hei de olhá-la dum modo tão nervoso,

Que ela há de, enfim, sentir-se constrangida,

Cheia de dor, tremente, alucinada,

E há de chorar, chorar enternecida!

E eu hei de, então, soltar uma risada.

ARROJOS

Se a minha amada um longo olhar me desse

Dos seus olhos que ferem como espadas,

Eu domaria o mar que se enfurece

E escalaria as nuvens rendilhadas.

Se ela deixasse, extático e suspenso

Tomar-lhe as mãos mignonnes e aquecê-las,

Eu com um sopro enorme, um sopro imenso

Apagaria o nome das estrelas.

Se aquela que amo mais que a luz do dia,

Me aniquilasse os males taciturnos,

O brilho dos meus olhos venceria

O clarão dos relâmpagos noturnos.

Se ela quisesse amar, no azul do espaço,

Casando as suas penas com as minhas,

Eu desfaria o sol como desfaço

As bolas de sabão das criancinhas.

Se a Laura dos meus loucos desvarios

Fosse menos soberba e menos fria,

Eu pararia o curso aos grandes rios

E a terra sob os pés abalaria.

Se aquela por quem já não tenho usos

Me concedesse apenas dois abraços,

Eu subiria aos róseos paraísos

E a lua afogaria nos meus braços.

Se ela ouvisse os meus cantos moribundos

E os lamentos das cítaras estranhas,

Eu ergueria os vales mais profundos

E abalaria as sólidas montanhas.

E se aquela visão da fantasia

Me estreitasse ao peito alvo como arminho,

Eu nunca, nunca mais me sentaria

Às mesas espelhentas do Martinho.

ESPLÊNDIDA

Ei-la! Como vai bela! Os esplendores

Do lúbrico Versailles do Rei-Sol

Aumenta-os com retoques sedutores.

É como o refulgir dum arrebol

Em sedas multicores.

Deita-se com langor no azul celeste

Do seu landau forrado de cetim;

E os negros corcéis que a espuma veste,

Sobem a trote a Rua do Alecrim,

Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas

Dubarry, Montespan e Maintenon

Se a vissem ficariam ofuscadas.

Tem a altivez magnética e o bom tom

Das cortes depravadas:

É clara como os pós à marechala,

E as mãos que o Jock Club embalsamou

Entre peles de tigres as regista;

De tigres que por ela apunhalou,

Um amante, em Bengala.

É ducalmente esplêndida! A carruagem

Vai agora subindo devagar;

Ela, no brilhantismo da equipagem,

Ela, de olhos cerrados, a cismar

Atraí como, a voragem!

Os lacaios vão firmes na almofada;

E a doce brisa dá-lhes de través

Nas capas de borracha esbranquiçada,

Nos chapéus com roseta, e nas librés

De forma aprimorada.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,

No trottoir, como um doido, em convulsões,

Febril, de colarinho amarrotado,

Desejando o lugar dos seus truões,

Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,

A minha independência e o meu porvir,

Para ser, eu poeta solitário,

Para ser, ó princesa sem sorrir,

Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata

Preferiria ir, fardado, ai

Ostentando galões de velha prata,

E de costas voltadas para ti

Formosa aristocrata.

CADÊNCIAS TRISTES

A João de Deus

Ó bom João de Deus, ó lírico imortal,

Eu gosto de te ouvir falar timidamente

Num beijo, num olhar, num plácido ideal;

Eu gosto de te ver contemplativo e crente,

Ó pensador suave, ó lírico imortal!

E fico descansada, à noite, quando cismo

Que tentam proscrever a sensibilidade,

E querem denegrir o cândido lirismo;

Porque o teu rosto exprime uma serenidade,

Que vem tranquilizar-me, à noite, quando cismo!

O enleio, a simpatia e toda a comoção

Tu mostras no sorriso ascético e perfeito;
E tens o edificante e doce amor cristão,
Num trono de bondade, a iluminar-te o peito,
Que é toda a melodia e toda a comoção!

Poeta da mulher! Atende, escuta, pensa,
Já que és o nosso irmão, já que és o nosso mestre,
Que ela, ou doente sempre ou na convalescença,
E como a flor de estufa em solidão silvestre,
Ao tempo abandonada! Atende, escuta, pensa.

E, ó meigo visionário, ó meu devaneador,
O sentimentalismo há de mudar de fases;
Mas só quando morrer a derradeira flor
Ê que não hão de ler-se os versos que tu fazes,
Ó bom João de Deus, ó meu devaneador!

VAIDOSA

Dizem que tu és pura como um lírio

E mais fria e insensível que o granito,

E que eu que passo aí por favorito

Vivo louco de dor e de martírio.

Contam que tens um modo altivo e sério,

Que és muito desdenhosa e presumida,

E que o maior prazer da tua vida,

Seria acompanhar-me ao cemitério.

Chamam-te a bela imperatriz das fátuas,

A déspota, a fatal, o figurino.

E afirmam que és um molde alabastrino,

E não tens coração como as estátuas.

E narram o cruel martirológio

Dos que são teus, ó corpo sem defeito,

E julgam que é monótono o teu peito

Como o bater cadente dum relógio.

Porém eu sei que tu, que como um ópio

Me matas, me desvairas e adormeces

És tão loira e doirada como as messes

E possuis muito amor... muito amor próprio.

POSFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

20 de Julho de 1886

Encontrámo-nos pela primeira vez no Curso Superior de Letras. Foi em 1873. Cesário Verde matriculara-se no Curso, em homenagem às Letras, como se as Letras lá estivessem – no Curso. Eu matriculara-me, com a esperança de habilitar-me um dia à conquista duma cadeira disponível. Encontrámo-nos e ficámos amigos – para a vida e para a morte. Para a vida e para a morte.

Tenho de falar de mim, se eu pretendo falar de Cesário Verde. Ele não teve, desde aquele dia – há treze anos –, maior amigo do que eu fui; e sobre esta mesa onde estou escrevendo, às 10 horas da noite deste formidável dia glacial –20 de Julho de 1886, dia do seu enterro – sobre esta mesa onde eu estou escrevendo tenho estas palavras suas de há poucos dias: «– E como se dê o caso de tu seres o mais dedicado dos meus amigos...» Tenho aqui essas palavras: elas constituem a justificação dos meus soluços de há poucas horas, ali, no cemitério vizinho onde ele dorme – o Cesário! – a sua primeira noite redimida...

Eu fui, pois, a lutar nas grandes batalhas da Desgraça, naquele ano, para mim terrível, de 1874. Fui-me, a dezenas de léguas de Lisboa. Ele ficou. E no dia em que eu medi forças com as avançadas do meu destino, a inquietação invadiu o espírito e o coração de Cesário Verde, por modo que já eu assoberbara com o meu desprezo a desventura pertinaz e ainda ele não vingara libertar-se do peso de seus cuidados e aflições. Durante anos, escreveu-me centenas de páginas – comentários sobre os meus infortúnios, conselhos do seu espírito lucidíssimo, sobressaltos do seu coração fraternal. Um dia, trocámos estas palavras: «– Como tu tens tempo, meu amigo, para sofrer tanto!» «– Como tu tens tempo, meu amigo, para me acompanhar no sofrimento!»

É indispensável ter conhecido intimamente Cesário Verde para conhecê-lo um pouco. Os que apenas lhe ouviram a frase imperiosa, dogmática, mal podem imaginar o fundo de tolerância expectante daquele belo e poderoso espírito. Ele tinha o furor da discussão – a toda a hora. Eu careço de preparar-me durante horas para a simples compreensão. As exigências do meu caro polemista irritavam-me. Eu respondia ao acaso; mas acontecia por vezes que o sorriso ligeiramente irónico do perseguidor expandia-se num bom e largo sorriso de convencido; e então – meu querido amigo! meu santo poeta! – ele saudava com um entusiasmo de criança amorável o que ele chamava o meu triunfo! Não hesitava em confessar-se vencido; e congratulava-se comigo –

porque eu o vencera inconscientemente. A generosa alma chamava àquilo a minha superioridade!

Os campos, a verdura dos prados e dos montes, a liberdade do homem em meio da natureza livre: os seus sonhos amados, as suas realidades amadas! Quando aquele artista delicado, quando aquele poeta de primeira grandeza julgava em raros momentos sacrificara Arte aos seus gostos de lavrador e de homem prático, sucedia que as coisas do campo, da vida prática assimilavam a fecundante seiva artística do poeta: e então dos frutos alevantavam-se aromas que disputavam foros de poesia aos aromas das flores. O mesmo sopro bondoso e potente agitava e fecundava os milharais e as violetas e os trigais e as rosas! A bondade suma está no poeta – mais visível, pelo menos, do que em Deus.

Artista e de alta plana! Eu pude vê-lo cioso de seus direitos e reivindicando-os com tanto de ingenuidade quanto de vigor. E pois que um ligeiro esboço, precedendo mais detido trabalho, estou elaborando sobre os traços mais salientes daquela individualidade, não me dispensarei desta indiscrição:

Há dois meses escrevia-me Cesário Verde: «O doutor Sousa Martins perguntou-me qual era a minha ocupação habitual. Eu respondi-lhe naturalmente: "Empregado no comércio." Depois, ele referiu-se à minha vida

trabalhosa, que me distraía, etc. Ora, meu querido amigo, o que eu te peço é que, conversando com o doutor Sousa Martins, lhe dê a perceber que eu não sou o Sr. Verde, empregado no comércio. Eu não posso bem explicar-te; mas a tua amizade compreende os meus escrúpulos: sim?...»

E eu fui à beira de Sousa Martins, e perguntei-lhe se o poeta Cesário Verde podia ser salvo. O grande e ilustre médico tranquilizou-me – e apunhalou-me em pleno peito: – Que o poeta Cesário Verde estava irremediavelmente perdido!

Meu poeta! Meu amigo! Tu estavas condenado no tribunal superior, quando eu te mentia e ao público e a mim próprio: estavas condenado, meu santo! Mas podia viver tranquilo o teu orgulho de artista: o teu médico sabia que o poeta Cesário Verde eras tu próprio, meu pálido agonizante iludido!

A estesia, o processo artístico e a individualidade deste admirável e originalíssimo poeta merecem à Crítica independente uma atenção desvelada. Eu não hesito em vincular o meu nome a promessa dum tributo que a obra de Cesário Verde está reclamando.

E, todavia, não pode o meu espírito evadir-se à ideia consoladora de que é um sonho isto que o entenebrece! Não podes evadir-te, ó meu espírito amargurado! mas eu vou libertar-te para a dor!

Foi às cinco horas da tarde – ainda agora. Caía o sol a prumo sobre a estrada do Lumiar e nós vínhamos arrastando a nossa miséria – nós os vivos; o morto arrastava a sua indiferença. Chegámos, com duas horas de amargura, ali ao porto de abrigo e de descanso. Veio o cerimonial trágico, o latim, o encerramento. Caso duma eloquência terrível: entre algumas dezenas de homens não houve uma frase indiferente – e em dado momento explodiram soluços num enternecimento que ajeitava a loira cabeça do cadáver lá adentro do caixão – como as mãos da mãe lha ajeitaram infantil, no travesseiro, há vinte e quatro anos, e moribunda há vinte e quatro horas!

Eram sete horas da tarde, ó minha alma triste! Eu fui-me a chorar velhas lágrimas de gelo, avocadas por lágrimas de fogo recém-nascidas. Fui-me por entre os túmulos, a pedir ao meu Deus de há trinta anos que me desse força, que me desse força nova –pois que se prolonga o cativo! E a sós, caminhando por entre os túmulos, ao cair da noite, pareceu-me compreender que nós recebemos força nova em cada dor, para sofrermos de novo – do mesmo modo que o alcatruz duma nora se despeja, para encher-se, para despejar-se – sem saber porquê...

20 de Agosto

A morada nova do Cesário é de pedra e tem uma porta de ferro, com um respiradoiro em cruz – rua nº 7 do Cemitério dos Prazeres. A porta está um arbusto da família dos ciprestes – um brinde ao meu querido morto. Eu oferecera uma palmeira que o vento esgarçou ao terceiro dia, e tive de escolher uma espécie resistente, cá da minha raça – fúnebre e resistente. Está verdejante e vigorosa a pequenina árvore, e de longe é uma sentinela perdida da minha doce amizade religiosa. De longe vou já perguntando à nossa árvore: «– Está bom o nosso amigo?...» E ela inclina os pequeninos troncos, com a gravidade do cipreste: «–Bem; não houve novidade em toda a noite...»

E que eu vou pelas tardes visitá-lo; e saber como ele passou, é todo um meu cuidado, como é toda a minha alegria o bem-estar daquela hora em que não há risos. Não fomos risonhos – o Cesário e eu. As nossas horas de convivência foram tristes e severas. Depois da morte do Cesário, eu deixei de viver nos domínios onde ele sentira consolações, alentos, esperanças, onde ele imaginara renascimentos, horizontes, claridades novas. Nunca mais publiquei uma palavra que se lhe não consagrasse – ao meu querido morto. Em face daquele cadáver eu senti alastrar-se no meu pobre ser fatigado o bem-amado desprezo da vida. O meu santo está ali –está resignado: é tudo. Vós todos, que o amastes, sabeis que ele está resignado – o nosso querido morto impassível!

E numa dessas tardes, alguns dias depois da sua morte, eu aproximei da porta de ferro a minha pobre cabeça esbraseada e olhei para dentro do jazigo, involuntariamente; e então, como quer que eu visse lá adentro do jazigo

alguns caixões arrumados, e como eu acertasse em descobrir o caixão do Cesário, os soluços despedaçaram-se contra a minha garganta, numa aflição imensa e cruel. E foi então que a voz rouca e enfraquecida do Cesário – lembrem-se da voz dele? – pronunciou distintamente lá adentro do caixão: «– Sê natural, meu amigo; sê natural!»

Era a voz do Cesário; era a sua voz tremente e doce, ó meu sagrado horror inconsciente! Debrucei-me contra a porta do jazigo e supliquei numa angústia: «– Fala! Dize! Fala, outra vez, meu amigo!» Não se reproduziu o doloroso encanto. Apenas uma espécie de marulho brando, um arrastar de folhagem ressequida – e o morto na paz da Morte!

Vão já decorridos dez anos sobre um período dalguns meses serenos da minha via dolorosa. Eu viera a conquistar a certeza de que não havia luz misericordiosa para a noite que me vem acompanhando e torturando os olhos ávidos, desde o berço à sepultura redentora. Cheguei aqui, à cidade maldita da minha primeira hora, e trazia o sonho duma aurora pacífica de vida nova no meu pobre espírito iludido. A aurora fez-se com um desabamento de esperanças: a crueldade bestial que se debruçara sobre o meu primeiro dia não estava arrependida, nem fatigada; a perseguição renasceu. E quando eu, no singular desespero dos esmagados em sua crença, pensei na Morte como no abrigo antecipado – querido abrigo inevitável! – a voz do Cesário foi a voz

evocadora para a continuação do sofrimento – do sofrimento amparado e protegido

Protegido! A proteção foi a maior da grande alma serena para a pobre alma abatida: foi de lágrimas que se confundiram com as minhas lágrimas; foi aquele sorriso triste de resignação, consagrado às minhas amarguras, que para o Cesário não foram misteriosas; foi o aperto de mão robusto, na vertigem do combate; foi a voz firme e severa na hora dos desfalecimentos; foi o reflexo permanente que a minha angústia encontrou na sua.

Ah, santo! Ah, meu santo! Ah, meu puro e meu grande! Ah, meu forte! Vai-se na corrente, desfalecido, se nos não troveja nos ouvidos a voz reanimadora! Vai-se na corrente – que o sei eu! Mas tu, depois do grito salvador, tinhas um aplauso vibrante lá do fundo da tua grandeza e da tua generosidade. E tu sabias que me salvara a tua mão, a tua palavra, a tua alma de justo, a tua face que eu não quisera ver, contraída e severa, retraindo-se perante o quadro da minha fraqueza! Tu bem o sabias – forte, bom, generoso, nobre, sempre bom – e, todavia, sempre justo.

A crise mais feroz atravessei-a, pois, abrigado – abrigado pela sua voz amiga. Eu tive de lutar com a lenda de rebelião, com a desconfiança dos homens práticos, com o ódio dos pequeninos malvados ofendidos em seus orgulhos e

desmascarados em suas hipocrisias: conseguintemente, com a supressão do trabalho, do pão – com a calúnia, com a intriga, com todas as armadilhas à minha cólera, com todas as ciladas à minha fé... Ah, perdidos em país de Cafres! mal conceberíeis o horror duma luta como aquela, de todos os dias de dez anos, em país de conta aberta no bazar da Civilização!

Hoje, o meu santo amigo está ali em baixo, na sua morada nova, esperando... Espera que eu vá dizer-lhe dos horizontes novos abertos à consciência dos justos; espera que eu vá dizer-lhe as vitórias da Justiça absoluta – da Justiça iluminada e serena; espera que eu vá dizer-lhe as vitórias do Trabalho, da Razão, da Ciência, da Sinceridade, do Amor; os homens reconciliados, esclarecidos, a Natureza convertida em Progresso, Deus explicado, o Futuro iluminado, a Vida possível, a Mulher fortalecida, o Homem abrandado, as lutas suprimidas, o concerto da Terra desentranhando-se em harmonias reconhecidas, a Bondade convertida em norma, os Direitos e os Deveres suprimidos pela Igualdade: os seus sonhos, a sua fé, o seu horizonte, o seu amor!

Está ali em baixo, esperando... Eu, mensageiro triste, não saberei dizer-lhe o ascender dos espíritos, e só poderei levar-lhe, no meu abatimento, a demonstração da minha pouca fé, agravada pela espantosa amargura destes

últimos dias – destas últimas horas. As visões do poeta hão de emurcheçar, confundidas com as últimas rosas que a minha pobre mão tremente e desfalecida lhe deparará no túmulo, e os restos da minha fé hão de misturar-se com o pó acumulado à entrada do seu túmulo pelo Nordeste – menos frio do que a minha alma sucumbida!

SILVA PINTO